

## **O Arquivo Verde**

### **Discursos sobre a Rio + 20 em dois portais brasileiros**

Marco Túlio de Sousa<sup>1</sup> y Wedenley Alves<sup>2</sup>

#### **Resumo**

O presente texto é fruto de estudo dirigido sobre a cobertura da Rio + 20 nos principais e mais acessados portais brasileiros. Especificamente neste trabalho, apresentamos os resultados da análise discursiva sobre como estes portais relataram o evento, especialmente no dia 23 de junho, de 2012, dia em que trouxeram uma cobertura mais diagnóstica e avaliativa do encontro. A Análise do Discurso, como base teórica, permitiu-nos mapear na textualidade das páginas do Folha/UOL e do Globo/G1, discursos predominantes e silenciamentos tópicos, em meio a todo o jogo de sentidos que cercou este acontecimento de importância mundial, dada a diversidade de atores sociais que ali se apresentaram para discutir o meio ambiente.

#### **Palavras-chave**

Webjornalismo, discurso, Rio + 20

#### **Abstract**

This paper is the result of directed study on the coverage of the Rio + 20 in the main and most visited Brazilian web portals. Specifically in this paper, we present the results of discursive analysis of how these portals reported the event, especially on June 23th, 2012, the day that these portals brought a more diagnostic coverage about the meeting. The discourse analysis, as theoretical base, allowed us to map, in the textuality of Folha/UOL and Globo/G1 web portals, prevailing discourses and local silencing, in the play of meaning that surrounded this important world event, given the diversity of social actors who performed there to discuss the environment.

#### **Keywords**

Webjournalism, discourse, Rio + 20

#### **Sumario**

1. Introdução. 2. Questões preliminares. 2.1. Questão ecológica e ambiental. 2.2. Redes de discursos. Discursos na rede. 3. Apresentação dos portais 3.1. Descrição do portal Folha/ UOL. 3.2. Descrição do portal Globo/ G1. 4. Observações metodológicas. 5. Análise do portal Folha/ UOL. 5.1. Análise do Globo/ G1. 6. Considerações finais. 7. Referências Bibliográficas.

---

<sup>1</sup> Marco Túlio de Sousa é mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Brasil) e pesquisador do Núcleo de pesquisas Tramas Comunicacionais. Bolsista da CAPES, pesquisa mídia e religião. [marcotuliosousa@hotmail.com](mailto:marcotuliosousa@hotmail.com)

<sup>2</sup> Wedenley Alves é doutor em Linguística (Unicamp, 2007) e mestre em Comunicação (UFF, 2002). Atualmente, é professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Brasil, e membro permanente do mestrado da unidade. [wedenn@yahoo.com.br](mailto:wedenn@yahoo.com.br)

## 1. Introdução

O ano de 2012 marcou uma dupla efeméride: 20 anos da disponibilização pública da biblioteca da web e 20 anos da realização no Rio de Janeiro da Eco-92, evento que suscitou, em meados deste ano, e na mesma cidade, uma nova rodada de diagnósticos e prognósticos globais sobre a questão ambiental. Aparentemente, são séries históricas distintas, visto que o surgimento da web, como um espaço de relações mediatizadas, e os problemas relacionados ao meio ambiente não teriam relação imediata.

Do ponto de vista comunicacional, no entanto, podemos afirmar que o mundo de 1992 é radicalmente distinto deste vivido 20 anos depois, justamente, pelo fato de que, após a liberação (e, portanto, publicização) da biblioteca da *World Wide Web*, e com o surgimento das primeiras páginas não desenvolvidas exclusivamente por equipes científicas (em especial, aquela liderada por Tim Berners-Lee no CERN – *Centre Européen de Recherche Nucléaire*), o processo de constituição de redes de memória foi radicalmente transformado.

Ou seja, se, no ano de 1992, a televisão e a imprensa sustentavam quase que exclusivamente o poder de estabelecer a *memória discursiva* (Pêcheux, 1999: 52)<sup>3</sup> sobre o evento para um público amplo (visto que outras memórias, de caráter institucional, continuaram compartilhadas apenas por setores do mundo acadêmico, do mundo político-administrativo ou partidário, e das organizações civis engajadas), vinte anos depois, o que se vê é um novo ator dentre as mídias, a *web*, estabelecendo outros arquivos, até mais disponíveis ao público do que aqueles em posse dos meios tradicionais de comunicação. No decorrer do texto, faremos considerações mais abrangentes da questão do arquivo.

As implicações do fato de as novas mídias dividirem com as tradicionais a capacidade de produzirem arquivos – no sentido mais imediato e num sentido problematizado – determinariam, por si só, a relevância de um estudo, cujos resultados apresentamos neste texto.

Mas a nossa questão é propriamente discursiva. Neste estudo, parte-se da filiação teórica e metodológica da Análise do Discurso Franco-Brasileira (doravante AD), disciplina que põe em contato “o político” e o “simbólico”, em outras palavras, “as relações de sentido” e as “relações de poder”.

Portanto, entender discursivamente a cobertura do evento, pelos dois principais portais noticiosos brasileiros, ligados a potências da mídia tradicional, difusores de inúmeras informações para outros *sites*, *blogs* e mesmo outros portais e outras mídias, é, portanto, compreender, o que é nosso objetivo, quais os sentidos predominantes que, na textualidade dos portais, se estabeleceram sobre o evento. O que remete, por conseguinte, às relações de forças (sociais) que agem sobre os discursos materializados nas textualidades analisadas.

Além da AD, recorre-se à interlocução com autores da Comunicação, principalmente, aqueles preocupados com as questões envolvendo as redes, além de outros que se dedicaram à discussão sobre o meio ambiente.

Para lograr a presente análise, detemo-nos, especificamente, sobre o dia de encerramento do evento, o dia da divulgação do documento final da Rio + 20. A análise é precedida de uma descrição tanto dos portais quanto da *front page* dedicada ao encontro.

---

<sup>3</sup> Para Pêcheux (*op. cit.*), a memória discursiva seria aquilo que, face a uma textualidade qualquer, vem restabelecer os “implícitos”, de que qualquer leitura necessita para produzir compreensão. Discursivamente, é a própria condição de legibilidade. Também podemos remeter o conceito de memória discursiva à rede de formulações compartilhadas por uma comunidade qualquer, sentido que se aproxima mais de Courtine (2010).

## 2. Questões preliminares

Abaixo, trataremos dos temas do “meio ambiente” e “ecologia”, por um lado, e “internet” e “web”, por outro, respeitando a especificidade de suas séries históricas, para, depois, pô-las em contato.

### 2.1. A questão ecológica e ambiental

O termo “ecologia” refere-se às relações que os seres vivos estabelecem com o meio onde vivem. Esta é a definição encontrada no Dicionário Aurélio (2004), um dos mais populares no Brasil.

Dicionários são tecnologias de linguagem, para fixação de sentidos (Auroux, 2001). Olhando discursivamente, percebe-se que dicionários tendem a hierarquizar sentidos dominantes – ou significados – e periféricos. Em 2004, o Aurélio ainda realçava uma definição eminentemente biológica – porquanto, institucionalmente legitimada – de ecologia. Atualmente, no entanto, o significante “ecologia” materializa sentidos relativos a medidas de proteção ao meio ambiente adotadas pelo ser humano. Este último sentido ganha destaque nos meios de comunicação, sendo discutido, inclusive, por diversos setores da sociedade como empresas, movimentos sociais, cientistas e políticos.

Até a década de 50 do século passado, as preocupações ambientais estavam restritas aos meios científicos. As principais questões se referiam à preservação das espécies e do meio ambiente (Dias, 2002). Cenário que muda nos anos 60, com os movimentos conhecidos como contracultura, em que “ecologia” acaba por resvalar em discursos alternativos, de cunho humanista. A década seguinte é marcada pela entrada, na cena ambientalista, de quadros político-partidários em diversos países ocidentais (*Idem, idem*).

Nos anos 80, a causa chega aos setores econômicos, principalmente com propostas de “desenvolvimento sustentável”, campanhas publicitárias educativas de reciclagem e criação dos chamados “produtos verdes”.

Nesse cenário de ampliação do debate sobre as questões ambientais, a mídia adquire importância fundamental, uma vez que potencializa o alcance das ações das partes envolvidas (movimentos sociais, empresas, cientistas e políticos). Muitos grupos ambientalistas, como o *Greenpeace*, preparam suas ações pensando na repercussão midiática que elas podem gerar (Castells, 2006: 150).

De acordo com Castells (2006: 141), o movimento ecológico foi o que mais alcançou notoriedade nos últimos tempos. Na década de 90, cerca de “80% dos norte-americanos e dois terços dos europeus se consideram ambientalistas; candidatos e partidos políticos dificilmente conseguem se eleger sem 'verdejarem' suas plataformas”. No Brasil, um dos marcos da causa ambiental é a criação do Partido Verde (PV) em 1986.

Não é difícil perceber que a bandeira da proteção do meio ambiente mobiliza interesses de diversos grupos sociais. Por ora, o que se pode afirmar é que essa pluralidade de atores que versam sobre a causa contribui para a existência de um conjunto variado de posicionamentos (e sentidos) sobre a questão. E o tema permite esse tipo de apropriação, uma vez que

O mesmo princípio básico ('respeito à Natureza') pode-se articular em uma infinidade de posições (respeito aos animais, contra a humanidade; respeito a humanidade, considerada parte da natureza, dentre outras), e de cada uma delas podem derivar diferentes representações da política e das possíveis estratégias de ação. (Dias, 2002: 101)

O interesse por um mesmo tema implica que os grupos acima citados (empresas, políticos, movimentos sociais e ciência) se relacionem, seja para se enfrentarem ou para agirem em parceria. Nessa esfera, a ciência atua sempre como voz de autoridade, sendo requisitada pelos demais grupos como poderoso recurso argumentativo. Ela é quem diz o que é certo e errado, ocupando espaço privilegiado nos posicionamentos dos demais setores. No caso das relações que os outros grupos estabelecem entre si, a questão é mais complicada.

O que se tem visto atualmente com mais frequência são as empresas enfatizando a necessidade de um “desenvolvimento sustentável” e a promoção de produtos ecologicamente corretos, enquanto que, do lado de cientistas e dos movimentos organizados, ressaltam-se as questões relativas aos riscos de prejuízos irreversíveis à natureza, e, discurso mais recente, aos próprios seres humanos. O que se percebe é a entrada definitiva e cada vez mais acentuada, na pauta do debate ambiental, da vida humana, enquanto preocupação central.

Do lado da administração pública, predomina a tentativa, nem sempre marcada por muita coerência, de conciliação entre o crescimento econômico capitalista e a preservação do ecossistema, entre a expansão do capital e a necessidade de sacrificar seus ganhos devido aos riscos graves, para a saúde humana, que se apresentam com a deterioração do meio ambiente.

Retomando a história da causa ecológica, o ano de 1992 é considerado um marco pelos ambientalistas. De 3 a 14 de junho daquele ano foi realizada no Rio de Janeiro a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CNUMAD), mais conhecida como ECO-92. No encontro, discutiram-se propostas que iam desde a preservação do meio ambiente ao combate a fome e pobreza nos países subdesenvolvidos.

Em 2002, a ONU promoveu outra conferência, dessa vez na África do Sul. A “Rio +10” retomou alguns pontos da ECO-92, principalmente no tocante às metas da Agenda 21 (documento assinado durante a conferência que propunha uma série de mudanças referentes à proteção do meio-ambiente, justiça social e desenvolvimento econômico sustentável). A questão da erradicação da pobreza foi a mais discutida no evento, sendo articulada às preocupações com a “preservação da natureza”.

Foi neste ano, no entanto, que a questão da erradicação da pobreza se tornou mais eminente, ultrapassando até mesmo as preocupações mais exclusivas com a ecologia. O documento final da Rio + 20, por exemplo, tem como foco exatamente a questão sócio-ambiental, resultado de tensa discussão sobre a responsabilidade de países ricos, em desenvolvimento, e pobres, sobre tragédias humanas, como a fome e a precariedade material.

O mesmo aconteceu com o principal evento paralelo, a Cúpula dos Povos – quase todo ele dedicado a discussão sobre a desigualdade sócio-econômica entre os grupos sociais e entre os países.

A Rio + 20 foi realizada no mês de junho de 2012, entre os dias 10 e 24. A apresentação do documento final foi no dia 23, e por isso nos detemos nesta data, para compreender, discursivamente, como os dois maiores portais, <http://www.folha.uol.com.br/> (doravante, Folha/UOL) e <http://g1.globo.com/> (doravante, Globo/G1), relataram o encerramento do encontro e fizeram ressoar ou apagar sentidos que circularam na conferência. Antes, porém, de passarmos ao momento da análise, apresentaremos brevemente alguns aspectos que caracterizam o webjornalismo e como se dá a produção de arquivos e memórias nesta ambiência, questão que nos interessa mais diretamente.

## 2.2. Redes de discursos. Discursos na rede

As novas tecnologias de comunicação modificaram profundamente a sociedade. Manuel Castells (2007) chega a falar em uma nova forma de capitalismo, o “capitalismo informacional”, cuja existência só teria sido possível graças à rede. Nessa nova forma de capitalismo, a economia deixa de ser mundial para se tornar global. “Uma economia global é algo diferente: é uma economia com capacidade de funcionar como uma unidade em tempo real, em escala planetária” (Castells, 2007: 142).

Inaugura-se um novo tipo de economia em que “a unidade básica da organização econômica não é um sujeito individual (...) nem coletivo (...). Como tentei mostrar *a unidade é a rede*, formada de vários sujeitos e organizações” (Castells, 2007: 257-258, grifos do autor).

A rede rompe com os antigos paradigmas dos meios de comunicação. Se estes funcionavam seguindo um modelo “um-todos” (TV, rádio e impressos) ou “um-um” (caso dos meios de comunicação interpessoal como telefone e telégrafo), a rede traz um modelo de operação “todos-todos”. Conforme explica Castells em outra obra:

A network is a set of interconnected nodes. Nodes may be of varying relevance to the network, and so particularly important nodes are called ‘centers’ in some versions of network theory. Still, any component of a network (including ‘centers’) is a node and its function and meaning depend on the programs of the network and on its interaction with other nodes in the network. (Castells, 2009: 19)

Os portais de notícia são alguns desses “centros” da rede de que nos fala o autor, uma vez que concentram um número consideravelmente maior de acessos.

As experiências do jornalismo na *web* começam na década de 90 do século XX. Num primeiro momento, apenas uma transposição de conteúdos dos jornais impressos era feita para os sites. Com o tempo, as empresas de comunicação passaram a explorar mais as potencialidades da web, configurando assim um novo modo de se fazer jornalismo: o webjornalismo.

Marcos Palácios (2002) estabelece seis elementos que caracterizam o webjornalismo: Multimídia/ Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização, Atualização Contínua e Memória. Nessa pesquisa, que discute os arquivos, daremos uma atenção especial ao último elemento.

De acordo com o autor, a “memória” consiste num dos principais aspectos dessa nova forma de se fazer jornalismo. Isso devido, principalmente, à inexistência de limites para armazenar os arquivos.

Na Web, (...) a conjugação de Memória com Instantaneidade, Hipertextualidade e Interatividade, bem como a inexistência de limitações de armazenamento de informação, potencializam de tal forma a Memória que cremos ser legítimo afirmar-se que temos nessa combinação de características e circunstâncias uma Ruptura com relação aos suportes midiáticos anteriores. (Palácios, 2002: 8)

É interessante salientar que, para Palácios (2002), o conceito de memória está ligado a uma questão de disponibilização e acesso a textos. Contudo, entendemos que mais do que constituí-la como acervo, a “produção” de uma memória é atravessada por elementos de âmbito das relações de poder.

Neste momento, faz-se necessário trazer algumas questões a mais sobre o arquivo, mas agora como conceito problematizado, ainda que não seja possível deixar de conceber arquivo também no sentido mais empírico – como espaço físico de armazenamento, ou ainda acervo.

O arquivo é pensado enquanto um conceito-problema por diversos autores, principalmente a partir dos anos 60. Para efeito de exposição, situam-se aqui apenas as referências ligadas ao pós-estruturalismo francês: Foucault, Derrida e Pêcheux..

Em Foucault, o arquivo é

O que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas (Foucault, 2000: 147)

O arquivo em Foucault, portanto, aponta para dispositivos que não têm somente a função de organizar ou preservar a memória, mas também de estruturá-la, de fazer com que ela tenha e continue produzindo sentido. Em Pêcheux (1997), por sua vez, seria um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, em que documentos podem ser qualquer material resultante do registro da memória. O fundador da Análise do Discurso não deixa de considerar as ideologias como um grupo de forças que incide sobre o que pode ou não pode se transformar em arquivo.

Essa superação da noção de arquivo como (exclusivamente) suporte, registro ou acervo, é que levará Derrida a propor um trabalho de desconstrução permanente do arquivo como organizador de séries discursivas – e que se nos apresentam como sentido evidente, naturalizado, mesmo nas disciplinas acadêmicas (Birman, 2008).

Ao discutir a problemática em Freud, Foucault e Derrida, Birman (2010) sugere ainda que o arquivo se constitui num constante conflito de forças, privilegiando certos conteúdos (e, poderíamos dizer, certos sentidos) em detrimento a outros. Nas palavras do autor,

A problemática do arquivo não é uma questão qualquer e por assim dizer acidental, mas a questão fundamental que perpassa aquelas diferentes problemáticas, na medida em que a *tradição* se constitui sobre e com o arquivo, pelos arquivamentos promovidos pelo poder... a construção de um arquivo implica relações de poder e interesses. (Birman, 2008: 108)

Os arquivos estabilizam e constituem a base material de uma memória. No caso em estudo, percebemos que na seleção de arquivos sobre meio-ambiente e ecologia, encontramos sentidos estabelecidos como dominantes, e outros excluídos, já que “a rede de memória é composta por sentidos e silenciamentos de outros sentidos possíveis” (Alves & Pernisa, C. 2010: 111).

Será interessante verificar como isso ocorre em relação ao objeto analisado, uma vez que hoje o tema ecologia é pauta constante para diversos grupos, como: cientistas, movimentos sociais, políticos, empresários e vítimas de catástrofes ambientais. Disso decorre que um conjunto variado de significantes como “saúde coletiva”, “violência”, “desenvolvimento sustentável”, entre outros, passam a se associar ao assunto, constituindo marcas discursivas que nos apontam para os discursos que atravessam a causa ecológica. Estes discursos materializam-se na textualidade das redes, tanto a partir de coberturas próprias dos portais, quanto a partir de materiais provenientes de outros suportes reproduzidos.

Uma observação a ser feita é que, mesmo no caso de reprodução de conteúdo de outros suportes, as redes podem promover novos arranjos discursivos, com paráfrases, ou repetições, mas também com significativos deslocamentos de sentido.

### 3. Apresentação dos portais

A análise, propriamente dita, é precedida de uma descrição dos portais, procedimento importante para aqueles que não estão familiarizados com eles. Depois, passaremos diretamente para a análise da cobertura.

#### 3.1. Descrição do portal Folha/UOL

Os portais que nos serviram como lugar de observação estão entre os mais influentes do Brasil: Globo/G1 e Folha/UOL, ambos pertencem a grupos de empresas de comunicação já consolidados no país.

O Folha/UOL é o mais antigo. O portal é editado pelo Grupo Folha, detentor do jornal mais vendido entre os diários nacionais de referência e de interesse geral, a Folha de São Paulo. Além disso, são filiados ao conglomerado três outros jornais, revistas e sites de conteúdo diversificado.

O portal foi lançado em 1995 com o nome de Folha Online. De acordo com informações disponibilizadas no próprio site, o portal publica diariamente cerca de 500 notícias e tem em média 173 milhões de páginas acessadas por mês. Além do conteúdo exclusivo do Folha/UOL, edições anteriores do impresso Folha de São Paulo podem ser vistas no site.

Cabe aqui uma observação importante. O leque de leitores do UOL é mais mais amplo que o de leitores do jornal impresso Folha de São Paulo. O que explica a diferença de acessos entre o portal, o quinto mais popular, e a divisão Folha/UOL, em 24º lugar (Alexa, 2013). Isso porque, o público alvo do jornal, o maior *quality paper* em vendagem do país é classificado como A/B, basicamente o leitor das classes médias, principalmente dos grandes centros urbanos do país, e com bom nível educacional. Pela própria característica do portal, o conteúdo é mais pluralizado, não se dirigindo somente aos leitores do periódico impresso. Em informações da própria empresa, cerca de 16% dos seus leitores vêm de outras classes socioeconômicas. Daí a inserção de seções como UOL Celebidades, de apelo popular, o que geralmente não é veiculada pelo jornal nem na sua versão online (UOL, 2013).

Quanto à análise do portal, e no tocante aos elementos apontados por Palácios (2002), observamos que todos eles são explorados. *Multimedialidade*: o portal disponibiliza conteúdos em áudio e vídeo; além disso, encontramos na página principal ícones da TV Folha, Rádio Folha e de fotos. No corpo de algumas matérias também percebemos a utilização desses recursos.

Em relação à *atualização contínua*, a Folha.com atualiza o site com bastante frequência. Há um ícone no topo da página principal intitulado “Em Cima da Hora”. Do lado direito do ícone, títulos das últimas matérias postadas no site vão mudando em questão de segundos. Obviamente, o mesmo título aparece mais de uma vez. Não obstante, ao fazermos uma breve pesquisa, constatamos que a diferença de tempo entre as matérias postadas é da ordem de minutos, o que nos permite afirmar que o portal consegue se utilizar desse recurso de forma eficaz.

Sobre a *interatividade*, no Folha/UOL, há possibilidade do internauta participar de enquetes; opinar sobre as matérias; comunicar erros na matéria à equipe do portal; e também há interface com as redes sociais, como Orkut, Facebook e Twitter. No fim de cada notícia, há *links*, que trazem o título de outras matérias relacionadas ao tema. No corpo do texto, encontramos

amiúde algumas palavras grifadas que, ao serem clicadas, abrem outra página com conteúdo relacionado tema. Esses dois pontos nos mostram que o portal também explora a *hipertextualidade*, uma característica distintiva da *web*.

Esse último elemento está ligado à *personalização*. A presença de *links*, principalmente, no corpo da matéria, abre a possibilidade de que cada internauta faça um percurso próprio, de acordo com seus interesses. O usuário pode também aumentar o tamanho da fonte do texto, cadastrar seu email ou seu telefone celular para receber notícias do portal.

Já sobre os dispositivos de *memória* (mais especificamente, de arquivos), que recebe atenção especial na nossa pesquisa, percebemos que o Folha/UOL, além de disponibilizar o acesso a todo acervo da Folha de São Paulo de forma gratuita, explora outros elementos que mostram um bom aproveitamento deste recurso.

Dependendo do fato em questão, o portal cria uma página especial, na qual o internauta pode ter acesso às últimas notícias e também a todas as matérias anteriores relacionadas ao assunto. Há também textos e infográficos de caráter explicativo, que tratam do histórico do tema e também a questões relacionadas ao mesmo.

### 3.2. Descrição do portal Globo/G1

Assim como o Folha/UOL, o Globo/G1 também pertence a um grupo de empresas de comunicação. O portal é de propriedade das Organizações Globo. O grupo é dono da maior emissora de TV do Brasil, com diversas afiliadas em território nacional, canais por assinatura, rádios Globo e CBN, e afiliadas, além de revistas e jornais cujas vendas estão entre as mais representativas do país.

O G1 é um dos braços do portal Globo.com, que traz conteúdos diversos de todas as empresas filiadas ao grupo. O G1 é exclusivo para notícias. Não obstante, no topo de sua página principal, há ícones que nos permitem acessar conteúdos referentes aos outros ramos do grupo, bem como páginas específicas para entretenimento e esportes. O Globo/G1 foi lançado em 2006, durante as comemorações dos 56 anos de TV no Brasil.

Por centralizar o conteúdo de diversas mídias do Grupo, além do próprio jornal O Globo (cujo público-alvo é semelhante ao da Folha de São Paulo), o leitor do G1 é muito diversificado. É o sexto mais acessado do Brasil, atrás do Facebook, Google Brasil, Google internacional, Youtube e do próprio UOL (Alexa, 2013). Neste caso há uma diferença importante com relação ao UOL: há um forte contingente de leitores que não são propriamente os do Globo, mas que compõe o público típico de outros jornais, como o popular Extra, do mesmo grupo, e da rede de televisão, a de maior audiência no país.

Quanto aos elementos observados por Palácios (2002) como componentes do webjornalismo, verificamos que o Globo/G1 segue um padrão semelhante ao do Folha/UOL, conseguindo explorar de forma efetiva os recursos apontados pelo autor. Contudo, existem algumas diferenças que merecem ser salientadas.

O portal filiado às Organizações Globo também explora o item *multimedialidade*, apresentando vídeos e áudios em algumas de suas matérias. Contudo, enquanto o portal do grupo Folha apresenta conteúdo exclusivo nos materiais de áudio e vídeo, preparados diretamente para o site, o Globo/G1 aproveita-se de material já apresentado em programas de alguma empresa do grupo, principalmente a GloboNews, o canal de notícias por assinatura. Geralmente, são matérias exibidas em algum telejornal. Notamos também um uso escasso de materiais apenas de áudio, ao contrário do que ocorre no Folha/UOL



Na página principal do Globo/G1, há um ícone com vídeos e outro com fotos, assim como no Folha/UOL tem a TV Folha e o *link* de fotos. Porém, não existe outro ícone apenas com áudio, diferentemente do que ocorre no veículo concorrente. Em relação à *atualização contínua*, o Globo/G1 disponibiliza matérias novas em uma seção intitulada “Últimas Notícias” na página principal. Praticamente não há diferença de tempo entre as matérias que chegam aos dois portais.

No tocante à *interatividade*, o Globo/G1 também abre espaço para o internauta comentar matérias e divulgar *links* em redes sociais como Orkut, Facebook e Twitter. Contudo, o site carece de alguns elementos interativos na sua página principal, como enquetes e espaço na página da matéria para o leitor indicar possíveis erros, tal como ocorre no portal do Grupo Folha.

Na página principal há um ícone intitulado “VC no G1”. Na página, o usuário tem acesso a notícias com fotos e vídeos enviados pelos internautas. Para publicar algum material no portal, a pessoa precisa, primeiramente, realizar um cadastro. O envio não garante a publicação. Ao que tudo indica, a equipe do Globo/G1 faz uma triagem daquilo que recebe para em seguida postar no site.

O Globo/G1 utiliza recursos semelhantes aos do Folha/UOL. Com relação à *hipertextualidade*, percebemos que em praticamente todas as matérias há palavras em negrito no corpo do texto que ao serem clicadas abrem outras páginas com conteúdo relacionado. O Globo/G1 também costuma colocar os títulos de outras matérias ao fim de cada notícia, além de algumas “palavras-chave” no canto direito da tela (EX: Rio +20) que ao serem clicadas abrem uma aba com títulos de matérias que possuem alguma relação com a palavra citada.

Quanto à *personalização*, praticamente não há diferenças em relação ao outro veículo estudado. E, no caso da *memória*, as abas laterais acabam por facilitar o trabalho de busca do internauta. Também verificamos que, em determinadas coberturas, páginas exclusivas sobre o assunto são criadas, com vídeos, fotos, animações, textos que tratam da história do fato e dos personagens envolvidos.

#### 4. Observações metodológicas

Um dos procedimentos analíticos mais comuns na AD é o que parte da superfície linguística ou alguma outra textualidade (sons, imagens, corporeidades, cenários) para o objeto discursivo e desse para o processo discursivo (Orlandi, 2001: 51). Outras direções analíticas podem ser adotadas, mas neste estudo a observação das textualidades para se chegar à compreensão dos processos pode ser a mais indicada.

O objeto discursivo (portanto, o objeto teórico da AD) surge no processo de inquirição sobre como se constitui, no plano da enunciação, a ilusão ou a naturalização de sentidos – o que aponta para o “esquecimento” de como os sentidos são constituídos historicamente e se instituem como resultado da relação de forças numa sociedade<sup>4</sup>.

Ou seja, os sentidos de “meio ambiente” são múltiplos e negociáveis; tendem para aquilo que uns e outros grupos sociais desejam que seja e não para um significado dado e definitivo. O que evidentemente não implica que esta pluralidade não se resolva num sentido hegemônico – o que evidentemente deve ser ultrapassado pelo analista.

Já o processo discursivo aponta para o fato de que diversas formações discursivas (FDs) podem atravessar uma textualidade, um objeto simbólico. Essas FDs, definidas aqui como matrizes de sentido, como regularidades de sentido em uma dispersão de textos (Gregolin, 2010),

---

<sup>4</sup> O que Pêcheux chama de Esquecimento nº 2 (PECHEUX, 1995).

preveem posições-sujeito a serem ocupadas pelos interlocutores, pelos escreventes e falantes, leitores e ouvintes. O mapeamento dessas FDs ou pelo menos a detecção de uma FD hegemônica e seu modo de funcionamento e a forma como os sujeitos nela(s) se posicionam é o segundo passo do analista<sup>5</sup>.

Em resumo, a análise parte do pressuposto da não univocidade de “meio ambiente” ou “ecologia” ou ainda “sustentabilidade” para entender que formações discursivas predominam na cobertura dos portais – de que posição eles “falam”.

Do ponto de vista do leitor, também cabem algumas observações. Não é possível, senão com uma análise das posições-sujeito ocupadas pelos leitores, saber se as FDs silenciadas e vocalizadas são as mesmas dos processos de leitura. E a própria “horizontalização” do processo de leitura em rede torna mais complexa a apreciação destes casos. Compreendemos por horizontalização o fato de que os leitores de rede confrontam-se de forma permanente com outras narrativas sobre os mesmos acontecimentos. Do ponto de vista discursivo, também, devemos levar em consideração que silenciamentos no processo de formulação (escrita e autoria) podem ser percebidos por parte de leitores posicionados em outras FDs. Da mesma forma, FDs vocalizadas no processo de textualização podem encontrar interpretações da parte do sujeito-leitor. Como afirmam Alves e Pernisa:

Isso nos remete a uma questão bem mais complexa do que a simples detecção da hipertextualidade, como possibilidade do suporte, e da interatividade, como propriedade do veículo: a reconfiguração das funções de autoria e dos efeitos de leitura. Uma característica bem típica do meio impresso é sua clara distinção entre quem produz o texto e quem lê. Evidentemente que estamos aqui desconsiderando as práticas de retextualização, como, por exemplo, aquelas praticadas em salas de aula como exercícios de redação. A questão aqui tem efeitos bem mais instigantes: um leitor pode receber do portal de informação uma notícia e associar a ela novos links; pode, inclusive, agregar as suplementações de dispositivos de metamídias e, com isso, constituir uma outra textualidade e devolvê-la à rede, gerando novas leituras do material original por outros leitores. Nada impede ainda que essa nova textualidade tenha um efeito de desconstrução sobre a matéria original. Isso, de certa forma, já está acontecendo, mas seus desdobramentos ainda não estão muito claros. Além disso, para além do jornalismo, há que se perceber todo o processo de comunicação que vai sendo modificado em função de novas possibilidades advindas dos meios digitais e seu uso na sociedade, o que será mais aprofundado adiante, com a análise também da narrativa na contemporaneidade (Alves & Pernisa, 2010: 75-76).

Portanto, os eventos de letramento midiático (em outras palavras, a apropriação social da leitura) são diversos daqueles praticados na relação entre os jornais e leitores destes veículos. De qualquer forma, nossa análise se limita a um estudo das textualizações, das formulações por parte dos portais.

Uma questão relativa ao recorte do corpus se impõe: o fato de os portais terem atualização contínua de informações nos levou a adotar procedimentos metodológicos distintos daqueles usados na maioria das análises de materiais de mídia. Isto porque, nos meios tradicionais, a datação geralmente é mais simples: acompanham-se os dias de cobertura, cujos conteúdos são específicos daquelas datas de edição. Nos portais, alguns materiais são substituídos e outros permanecem. Foi o que aconteceu com as páginas relativas ao dia 23, último dia de Conferência. Alguns conteúdos já estavam nelas, desde dias anteriores e até permaneceram na semana seguinte. Mas também houve novas atualizações até pelo menos o dia 28 de junho.

---

<sup>5</sup> Em Pêcheux, nesse momento revela-se o Esquecimento nº 1, a ilusão de sujeito, a não percepção de que todos nós falamos de alguma posição discursivamente constituída. (PÊCHEUX, 1995)

No Folha/UOL, a página especial foi atualizada até o início de julho, com o caso da nigeriana que perdera o passaporte e ficara alguns dias sem poder retornar ao seu país. Mas a quase totalidade do material também dizia respeito ao período do evento e à semana seguinte, que se caracterizou como uma espécie de período de avaliações sobre o encontro. A página analisada do Folha/UOL é aquela publicada também no dia da divulgação do documento oficial do encontro, na sexta-feira, 23 de junho.

## 5. Análise do portal Folha/UOL

O Folha/UOL nomeou sua página especial como “Ambiente”. Ao fazê-lo, já se posiciona em uma rede de memórias relativamente diversa daquela associada à “ecologia”.

Para Pêcheux, os discursos não são independentes das redes de memória onde aparece. (2002). Na visão pêcheutiana, as redes de memória ou redes de memórias discursivas, ou ainda interdiscurso, são o espaço heterogêneo e complexo de formações discursivas que se encontram em conflito ou correspondência. Do ponto de vista analítico, só é possível apreender esse espaço complexo a partir de certos objetos e trajetos temáticos. Não há como dar conta de todos os discursos, mas apenas de “discursos sobre”. Quando dizemos que o jornal se posiciona numa rede de memória distinta daquela relacionada à “ecologia”, queremos dizer que os dois termos compreendem dois trajetos de sentido distintos na história.

A “questão ambiental” aponta para uma configuração semântica mais abrangente, visto que tem uma relação não somente com as preocupações com o ecossistema, mas também muitas vezes com toda a discussão sobre aspectos político-sociais e econômicos que inclui as relações de poder entre grupos sociais e a produção de riqueza. A designação de um acontecimento é um modo de apropriação e aponta para o lugar político ocupado pelo enunciador. (Guimarães, 2002)

A página abre com um *banner* em que aparece a inscrição “rio + 20”, com a designação “ambiente” no topo da página, além de fotos do evento em *slides*. No dia analisado, temos a matéria principal com título em posição de manchete: *Dilma Rousseff encerra conferência no Rio de Janeiro; leia o documento final aqui*. A chamada para esta matéria ocupa o alto e à esquerda. Ao lado, um calendário para contagem regressiva que foi disparado meses antes, e um box com uma enquete: *qual será o resultado do encontro: a questão socioambiental avançará? Não avançará? Não tenho interesse pelo evento na conferência* – marcando, novamente, o aspecto abrangente de “meio ambiente”.

Abaixo do título principal, encontramos fotos, perguntas sobre curiosidades, frase do dia, resumo de acontecimentos, mais uma remissão ao documento *O futuro que queremos*, nota sobre um incidente envolvendo um repórter da Folha e seguranças da chanceler americana Hillary Clinton. Mais abaixo, destaques para blogs e colunistas (nesse dia específico, para o texto *A Eco-92 se repetiu como fraude*, do blogueiro e repórter Claudio Ângelo), painel do leitor e, ao lado, nota sobre o evento paralelo, sob o título *Cúpula dos Povos termina com lista imensa de reivindicações*.

Mais duas fotos, com declarações, de Hillary Clinton e da presidente Dilma Rousseff, finalizam a região central da página.

Ao pé da página, encontramos uma seção de serviços, cronologia (sobre os principais fatos que marcaram o mundo entre 1992 e 2012), vídeos, memória do ano de 1992, com ênfase sobre a crise política que levaria ao *impeachment* do presidente Collor, e, finalmente, últimas notícias.

Abaixo da enquete, no lado direito, segue-se uma seção denominada “As últimas que você não leu”.

Alguns destes textos e imagens foram mantidos na página por mais de um dia, ou mesmo semanas. A maior parte do material, no entanto, foi sendo renovada a medida em que transcorriam os dias de evento. Mesmo depois do encontro, ainda houve outras renovações, já com as repercussões e comentários finais.

Pensando na página do Folha/UOL dedicada ao evento, como uma e única textualidade<sup>6</sup>, ainda que heterogênea, constatamos que o discurso dominante contrapôs o “político” e o “ambiental”. Em outras palavras (e esse é seu modo de funcionamento ou processo discursivo), foi “a resistência de governos a mudanças mais efetivas para a proteção ambiental” que alcançou o estatuto de sentido predominante da cobertura. Resistência por motivações econômicas, naturalmente, mas, mesmo que possa parecer contraditório, apagou-se o papel dos demais agentes econômicos na constituição desta resistência. O setor empresarial, o segundo setor, é o interlocutor chamado a dar seu parecer e apontar caminhos para uma “economia sustentável”. Mas o papel do setor empresarial por trás das resistências governamentais é quase silenciado.

No funcionamento discursivo aqui percebido, portanto, vocalizam-se os discursos empresariais, seus gestos de interpretação (Orlandi, 2001). Essa observação é importante, na medida em que ajuda a entender que as posições sujeito ocupadas pelo portal tendem mais à paráfrase do que propriamente ao distanciamento dos gestos de interpretação do setor empresarial. Os portais *filiam-se a*, portanto, mais do que *mediam* as vozes sociais em disputa.

Apresentamos ainda aqui três marcas lingüístico-semiológicas deste processo discursivo: a ênfase textual-imagética sobre *os atores governamentais*, o artigo de Claudio Ângelo, acusando os governos *de pouca disposição para as mudanças*, e o foco sobre os itens em que Cúpula dos Povos critica justamente os Estados Nacionais pelo que chegou a ser considerado um *fracasso*. Diz o jornalista Claudio Ângelo, em seu blog:

A IMAGEM-SÍNTESE da Rio+20 aconteceu na plenária final, lá pelas 21h de sexta-feira. Enquanto delegados davam seus recados finais antes do discurso de Dilma Rousseff (a Suíça cobrando ambição, o Vaticano defendendo valores da Idade Média e os EUA reforçando que não queriam saber de nada daquilo), um delegado asiático dormia a sono solto no meio da bagunça. (Acesso em 23/06/2012)

Toda a crítica do texto se volta contra os governos, com grande ênfase negativa para a presidente Dilma Rousseff.

### 5.1. Análise do Globo/G1

A página dedicada ao evento pelo portal das Organizações Globo teve como vinheta (nome) a palavra “Natureza”. O que remete ao sentido hoje dominante de “ecologia”. Emerge, portanto, uma outra rede de memórias, distinta daquela em que a Folha/Uol se encontra, embora evidentemente haja um intenso entrecruzamento dessas redes. Tanto que as ênfases da cobertura do Globo/G1 também acaba sendo a relação entre preservação e pobreza – um tema forte do encontro.

No dia analisado, o título principal era *Rio + 20 aprova textos sem definir objetivos de sustentabilidade*. A chamada abaixo ressalta que o documento enfatiza a “erradicação da miséria”, sem, no entanto, definir metas claras.

---

<sup>6</sup> Adotamos aqui a definição para textualidade como um “*continuum* de sentidos sujeito à interpretação e que aponta para um fechamento (começo, meio e fim)”. Da mesma forma, continuamos a preferir “textualidade” a “texto”, pela sua materialidade ampla: lingüística, visual, sonora etc, reservando “texto” à materialidade especificamente lingüística.

O portal é dividido em três colunas. Uma maior à esquerda, e duas menores no centro e à direita. A matéria principal ocupa o alto da primeira coluna. Ao lado dela, um álbum de imagens. À direita, chamada para a cobertura dos canais da Globo. Abaixo, anúncio e uma seção de fotos, anunciando “o que foi dito na Rio+20”. Nada mais nesta coluna seria encontrado nesse dia.

Esses posicionamentos são importantes, porque na própria configuração da textualidade linguístico-visual encontra-se também configura a distribuição de sentidos predominantes ou subdominantes.

As informações e seções sobre o evento concentram-se, portanto, na primeira coluna mais larga e na central. Seguem-se abaixo da matéria sobre o documento, chamadas em série para outros textos de mais ou menos do mesmo tamanho: 1) *Documento não retrocede, diz Dilma em encerramento*; 2) *Hillary defende direitos reprodutivos das mulheres*; 3) *Para Cúpula dos Povos, texto da Rio + 20 é “fracasso”*; 4) *Rio + 20 teve 2,6 vezes mais participantes que a ECO 92*; 5) *Morre Isamel Karajá, indígena que participava do evento paralelo à Rio + 20*; 6) *Humanidade 2012 recebe mais de 200 mil visitantes* (exposição permanente, com shows, realizados no Forte de Copacabana). Abaixo, finalizando a página, a seção “Últimas Notícias”.

Na coluna central, além do álbum de imagens, seguiram-se, na ordem: vídeos, blogs (no dia anunciado, o destaque foi para o jornalista André Trigueiro, um especialista em temas sobre cidade e meio ambiente) e programação do evento.

Essa é uma das características mais marcantes da superfície discursiva ou materialidade das redes: a convergência de múltiplas linguagens, fazendo operar uma rede complexa de sentidos deslocados ou parafraseados de outras mídias.

Ao contrário do portal Folha/UOL, o blog do Globo/G1 sustentou um tom mais otimista: *Porque o mundo ficou melhor depois da Rio + 20*.

A matéria principal aponta para a ênfase do documento na “erradicação da pobreza”, e sustenta um tom crítico em relação à ausência de metas, mas não tão crítico quanto ao destaque das outras matérias em relação às ONGs que participaram da Cúpula dos Povos.

## 6. Considerações finais

Da mesma forma que a cobertura feita pelo Folha/UOL, o conflito entre governos e necessidades ambientais foi realçado no Globo/G1. De maneira semelhante, a oposição dos agentes econômicos a maiores avanços foi silenciada.

No Globo/G1, as críticas feitas pelas entidades da sociedade civil foram mais textualizadas que no Folha/UOL, que realçou mais a dimensão oficial do evento.

No todo, não houve muita diferença em relação ao tom geral sustentado pelos jornais brasileiros, ou por outros veículos, principalmente, a TV, em seus telejornais. Um pouco pela própria estruturação do encontro, que reservou, ao segundo e terceiro setores, eventos paralelos, e deslocados do encontro de chefes e representantes de governo.

Esses “eventos paralelos” ganharam coberturas mais pitorescas, estéticas, principalmente, a Cúpula dos Povos, pela diversidade de grupos ali encontrados. Os discursos do segundo setor, da iniciativa privada, tiveram pouco lugar nos dias analisados pelos portais, mas esta foi uma característica específica dos portais, ante a cobertura mais completa das TVs e da imprensa. O discurso crítico foi pouco assumido pelo Globo/G1, que o fez a partir das críticas adotadas pelo

terceiro setor. O Folha/UOL por sua vez não precisou “terceirizar” a crítica, tornando-a mais clara a partir de seus próprios textos, das próprias vozes jornalísticas.

O grande silêncio, no entanto, continuou sendo o papel das corporações privadas nas resistências governamentais, como se governos não estivessem ali representando interesses econômicos bem específicos. De certa forma, o arquivo da rede para a Rio + 20 dirá às gerações futuras que a sociedade organizada protestou contra a indolência de governos, da esfera político-administrativa, ante os desafios ambientais da Humanidade. Mas estas mesmas gerações não saberão que muitos destes protestos foram dirigidos ao grande capital.

Por fim, percebemos que à época do evento, os portais embora destacassem a importância da Rio+20 e a centralidade que as temáticas discutidas deveriam ter na vida dos seus leitores, não procuraram despertar uma postura engajada dos mesmos. O sobrepeso colocado nas mãos dos governos pode ter estimulado uma posição passiva frente à problemática em questão, sugerindo que apenas a escolha de melhores representantes no campo político e a cobrança eventual dos mesmos fariam emergir as soluções para os desafios ambientais. Assim, em vez de se apontar para uma visão de que a causa é de responsabilidade coletiva, incita-se um afastamento que aliado ao grande silêncio mencionado acima pode implicar em uma postura passiva por parte dos internautas desses portais.

## 7. Referências Bibliográficas

- ALEXA.COM. (2013). Disponível em <http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>. Acessado em 2013.
- ALVES, W. & PERNISA JR. C. (2010) *Comunicação Digital: jornalismo, narrativas, estética*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X.
- AUROUX, S. (2001) *A revolução tecnológica da gramatização*. 1ª ed. Campinas, SP. Ed. Da Unicamp.
- BIRMAN, J. (2008, jan-jun) Arquivo e Mal de Arquivo. Uma leitura de Derrida sobre Freud. 2008. Acessado em 01/10/2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v10n1/v10n1a05.pdf>. Publicado originalmente em *revista Natureza Humana* 10(1). pp .105-128, jan.-jun. 2008
- BIRMAN, J. (2010, jun) A problemática da verdade na psicanálise e na genealogia. *Tempo Psicanalítico*. Jun 2010, vol.42, no.1, pp.183-202.
- CASTELLS, M. (2006) *O poder da identidade*. 5º ed. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTELLS, M. (2007) *A sociedade em rede*. 10º ed. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTELLS, M. (2009) *Communication Power*. Oxford: Oxford University Press.
- COURTINE, J. (2010) *Análise do Discurso Político: O discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos, SP: Ed. Edufscar.
- DIAS, C. (2002) As antinomias discursivas da Ecologia Política: uma análise baseada na experiência do Partido Verde no Rio de Janeiro, 1986-1992. In: ALIMONDA, Héctor (org.) *Ecologia e Política: Naturaleza, Sociedad y Utopia*. Buenos Aires, Ed CLACSO, pp. 101-114.
- FOLHA, Grupo. (n. d.) *Conheça o grupo*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/>. Acesso: 15/06/2012.

FOLHA, Grupo. (n.d.) *Ambiente*. Página especial sobre a Rio + 20. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2012/rio20/>. Acesso em 23/06/2012.

FOUCAULT, M. (2000) *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

GLOBO, Organizações. *Natureza*. (n.d.) Página especial sobre a Rio + 20. Disponível em: <http://g1.globo.com/natureza/rio20/>. Acesso em 23/06/2012.

GREGOLIN, M. (2010) Formação Discursiva, Redes de Memória e Trajetos Sociais de Sentido: Mídia e produção de identidades. *Revista Discursividade. Campo Grande, MS: Uems*, 2010. Disponível em <http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Maria%20do%20Rosario%20Gregolin.pdf> Acesso em 01/10/2012.

GUIMARÃES, E. (2002) *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. Campinas, SP: Pontes.

HOLANDA, A. (2004) *Mini Aurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 6 ° ed. Curitiba (Brasil): Positivo. Orlandi, E. (2001) *Discurso e Texto*. Formulação e Circulação dos Sentidos. Campinas, SP: Pontes.

ORLANDI, E. (2004) *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas: SP, Pontes Editores.

PALÁCIOS, M (2004, out). *Jornalismo Online, Informação e Memória*: apontamentos para um debate. Trabalho apresentado no VII Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação, da Associação Latinoamericana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIIC), realizado na Facultad de Periodismo y Comunicación da Universidad Nacional de La Plata, Argentina. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4\\_f.htm](http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm) . Acesso: 11/10/2011.

PÊCHEUX, M. (1995) *Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Ed. Unicamp.

PÊCHEUX, M. (1997) Ler arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (org.) *Gestos de Leitura*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP.

PÊCHEUX, M. (1999) Papel da memória. In: Achard, P. *et al. Papel da memória* (Nunes, J.H. Trad. e Intr.). Campinas: Pontes.

PÊCHEUX, M. (2002) *Discurso: Estrutura ou Acontecimento*. Campinas, SP: Pontes.

UOL. Publicidade UOL. (2013) Disponível em: <<http://www.uol.com.br/publicidade>> Acessado em: 17/03/2013.